

DIÁRIO DO PIAUHY

Rio de Janeiro

Orgão Official dos Poderes do Estado

ANNO IV

Assignaturas
Anno Semestre 15\$000
8\$000

THEREZINA, domingo, 22 de março de 1914.

Redacção e officina Praça Rio Branco n. 37

VENDA AVULSA
Numero do dia 100
Numero atrasado 200

N.º 66

Films

Conta-se que Mr. Lamarek, no proposito, talvez, de ser agrado, val a Napoleão I., offerecer-lhe, por occasião d'uma solemneidade, um volume da sua «Philosophia Zoologica». Mas, tremenda decepção! o homem extraordinario cuja rutilante gloria militar atordava o mundo, surprehendera o celebre philosopho, ironicamente exclamando: «Que é isto, trata-se da sua «absurda meteorologia? Escreva antes sobre historia natural, que receberei suas produções com prazer. Este volume deshonra-o e só o acceito, por uma consideração para com os seus cabellos brancos». Lamarek humilhado e sentido sobre si o ridiculo a que jamais escaparam os innovadores de genio, só pode articular: — É uma obra de historia natural que vos apresento, e, as lagrimas rolando copiosamente pelas suas faces enlucadas no labor incessante das cogitações scientificas. E que as genias innovações, não se fazem impunemente, sem que os grandes espiritos do seu tempo acima da comprehensão dos contemporaneos, paguem pesado tributo aos preconceitos e prejuizos correntes. Naquelle volume recebido com tanto imperial e soberano desdém iniciava-se, de facto, com bases scientificas, monumental construção philosophica, produzindo extraordinaria revolução no pensamento humano. Era, pois, muito natural a attitude do notavel imperador, que, d'aquelle modo, traduzia simplesmente o gesto reaccionario do tempo contra a audacia reformadora dos genios.

Mas, após Lamarek vieram na Franca, Geoffroy Saint-Hilaire, na Alemanha, Goethe e, depois, na Inglaterra, Russel Wallace e Carlos Darwin e o transformismo, a doutrina exposta e defendida na «Philosophia Zoologica», á luz maravilhosos documentos irreusáveis das sciencias naturaes, da paleontologia e da anatomia comparada, surgiu triunphante; — e assim a

absurda meteorologia, em vez de deshonrar, tornou-se, no contrario, luminosa aureola a circundar o nome glorioso do celebre naturalista francez. Com ella, de ser especial e privilegiado, de rei da criação, o homem passou a simples elo mais aperfeiçoado da cadeia zoologica. E, destarte destruiu-se mais um dos grandes erros, em que andava imbuido o espirito humano e o homem conquistou a sua verdadeira posição na natureza, como antes a terra, com Copernico, Galileu, Kepler e Newton, tivera determinado o seu verdadeiro logar no espaço infinito.

Lamarek descobriu as leis da adaptação e explicou tão somentem pela influencia do meio ambiente, pela necessidade de uso ou desuso dos orgãos e as modificações evolutivas das especies. Mas, Carlos Darwin, alguns annos depois, munido de forte documentação scientifica, complementou-lhe a doutrina, com a addição da lei da *lucta pela vida* e sua correlativa da *selecção natural*. E assim á influencia do meio ambiente, á necessidade e ao uso ou desuso dos orgãos, juntou-se o triumpho e a sobrevivencia do mais forte ou do mais apto, como elemento do primeiroi ordem na explicação evolutiva dos seres.

Segundo o grande naturalista da «Origem das Especies», a terra com todas as suas maravilhas, com todos os seus encantos, apparece em o seu conjunto, como uma vasta arena — em que os seres se debatem, se degadiam numa lucta envenenada e infirma. Esta é a lei suprema da vida na natureza e a selecção, pelo massacre do fraco e triumpho do mais forte, do mais resistente, do melhor apparelhado, a sua logica e inevitavel consequencia. Expressa, pois, para uma explicação racional da matança das especies, no mundo physico, a theoria darwinica valeu por um ruidoso successo na esphera scientifica e, por isso mesmo, vinol-a, depressa, dostondo-se, alargar a sua influencia aos dominios do espirito da sociedade e da moral. Viu-se logo a vida social sob

o prisma da vida no estado de natureza. E os darwinistas *outrance* a preconizarem que a força superando o direito, tinha a consagração da moral natural consubstanciada no predomínio do mais forte. Faltou, sem demora, em darwinismo politico e á sociedade e ao direito dou-se como base unica o egoismo. O egoismo é o factor de direito. Este tem por origem a força ao serviço dos factores egoisticos, estabelecendo-se pela lucta entre os interesses em jogo. O direito publico internacional tem a sua sancção na guerra, como o direito publico interno o tem nas revoluções biva (Hering). E isto, faz até que alguns proclamasse, que extraordinario asombro, que o direito das gentes é a bocca do caubão.

Vivemos, pois, da nuito, n'um ambiente suado de darwinismo. E por isso mesmo, sente-se como que um mal estar geral. Nas relações do povo a povo, a febre dos amamentos é intensa. E o estado de segurança e da paz em pé de guerra, enquanto é facto comum arrebatarem nações poderosas, possessões das mais ricas, seu obra justificativa que a moral natural do predomínio do mais forte. Na vida interna, nas relações privadas de um povo, as rivalidades assumem aspectos assustadores, enquanto as guerras civis tornam-se quasi rubra normalidade em alguns paizes, como no Mexico. Depois que perdeu o ferreo braço de Porphiro Diaz, não o continha. O operariado negro de Max aase e a revolução pela força é o constante do socialismo vermelho, nas suas distantes e proximas em diheirada. O anarcismo não obtinuo as barreiras que se lhe oppõem, distendendo-se por toda parte, deixando de quando em vez, aqui e ali os rastilhos de sangue da sua passagem.

Ha, pois, como dissemos, um mal estar geral. E para tal não tem contribuido pouco, e certamente, essa atmosfera social carregada pelo extravasamento da theoria darwinica.

Entretanto, se a doutrina do transformismo é hoje irreusavel, tal a documentação scientifica que abunda em seu favor, não é menos verdade que a natureza não nos dá unicamente o espectáculo da força e da lucta, mas tambem, ao mesmo tempo, o da protecção mutua, da omisade e do amor entre os animaes. E depois pensamos, que é do estado de civilização e da vida em sociedade o corrigir, o reftrear as manifestações barbaras do estado de natureza e não querer, ao contrario preconizarem a norma geral de competição.

Signif. e Modos.

Entretinhas

Volto a paz ao Ceará. Aos seus lares e aos seus labores já voltaram, tambem, os bravos cearenses que, de armas na mão, vieram até ás portas da Fortaleza reclamar os seus mais sagrados direitos e as suas mais caras liberdades.

Desfeita, agora, se achá sufficientemente essa lenda, com que a ignorancia de uns, a levandade de outros, o sectarismo de alguns envolverá o movimento genuinamente politico da terra cearense, desvirtuando-lhe os nobres intuitos para só chegar na bialange heroica dos bravos libertadores cearenses o automatismo de um grupo de fanaticos que tivesse feito toda essa longa travessia, do Crato á Fortaleza, para repór, em alguma sala das sessões do jury, a imagem evocadora do supplicio do moço Nazareno. Por si tambem se desfazem os boatos perversos de accões menos dignas commetidas pelas forças revolucionarias, que dos serões distantes vieram até ao littoral cantando victoria após combates cruentes e agora regressaram na mais completa ordem, conscientes de haverem cumprido o seu dever de patriotas.

Cessou, felizmente, o governo do sr. Franco Rabello, que

se caracterizou e passará á historia assignalado pelos actos mais revoltantes de cobarde selvageria e deshumano banditismo.

Os jagunços da Fortaleza, os jagunços do sr. Franco Rabello que o sr. Emilio Sá incitava e dirigia, já não commettem, felizmente, toda a sorte de vandalismos a que haviam se habituado, desde o incendio ao saque, desde a pilhagem á tentativa de assassinato, desde ás valas de garotada ao despeito ás senhoras.

Acima, felizmente, da indifferença com que o governo do sr. Franco Rabello assistia, impassível, o sacrificio de um povo e o antiquilamento de um Estado, deparou-se-lhe a vigilância do governo federal, que soube cumprir o seu dever constitucional, cumprindo ao mesmo tempo o mais imperioso dever de humanidade.

Não são somente as victorias successivas alcançadas pelas forças libertadoras o que faz exultar hoje a alma cearense. É o triumpho superior da lei sobre o arbitrio, da legalidade sobre a oppressão, dos sentimentos de humanidade sobre os desatinos da mais feroz cruza.

Entretanto, ainda ha por ahi quem grite e blaspheme contra intervenção federal no caso do Ceará. Si não é essa precisamente a hypothese da intervenção, prevista e autorizada pelo § 2.º do art. 6.º da Constituição Federal, cuidemos sem demora da revisão constitucional, ao menos para riscar esse disposição inútil. Uma lei, principalmente uma magna carta, não comporta disposições meramente decorativas.

Podese, de boa fé, negar que no Ceará desaparecera a forma republicana? Dizer o contrario é desconhecer o verdadeiro alcance e o conceito juridico dessa expressão. Forma republicana diz-nos o insigne no sr. Franco Rabello, que

Dr. J. HÉRICOURT

OS TRINTA E SEIS MANDAMENTOS DA HIGIENE

Verdade da 3.ª edição franceza por

J. C.

INTRODUCCÃO

Num tempo em que as moraes religiosas não são mais ensinadas na escola, torna-se de necessidade urgente substituir este ensino pelo de uma moral leiga, porque nenhuma sociedade poderia passar sem moral.

Mas que pode ser uma moral leiga, si ella não fór uma moral scientifica, isto é que repousa, não sobre principios impostos por autoridade, mas sobre verdades demonstradas pela observação e experiencia?

Ora, acontece que as sciencias naturaes, as sciencias medicas, a physiologia entre todas, formulam a cada passo, como conclusões praticas das leis que ellas descobrem, principios que são precisamente regras de conducta a propór ao homem civilizado.

A physiologia nos ensina que o corpo é uma machina que não pode ser mantida em bom estado, como acontece com todas as machinas, sinão pelo trabalho; e a hygiene, com os seus preceitos relativos á vida do individuo e á vida das collectividades, nos ensina de que modo poderemos assegurar á machina

humana o melhor rendimento e a mais longa duração; como tambem será possivel aos paes procrear filhos que serão por sua vez machinas resistentes e productivas.

Do seu lado, mostrando-nos como o individuo é o producto do seu meio, a sciencia indica o ponto para que devem dirigir-se os esforços dos legisladores, si quizerem estes realizar as condições da boa cultura individual, que depende muito mais da natureza do terreno do que da qualidade do grão.

Ao todo, a hygiene manda que o homem vele pela sua saude e pela dos seus semelhantes; ordene-lhe que trabalhe e indica-lhe as condições do melhor trabalho; mostra-lhe a inuidade e o perigo dos prazeres em que os homens procuram inutilmente a felicidade, numa corrida enganadora que os consome; apresenta-lhe a saude como a unica felicidade real; e acima de tudo ella lhe prova que nesta lucta pela saude, todos soffrem as consequencias das faltas de cada um, e que assim uma estreita solidariedade reúne e confunde todos os membros de uma collectividade.

Donde toda uma serie de deveres do individuo para consigo mesmo e para com os outros, toda uma serie de «mandamentos» revestidos de um caracter imperativo tão rigoroso na sua forma como os preceitos das moraes religiosas, e cuja sancção é proxima, directa, palpavel, ineluctavel, incapaz de ser resgatada por qualquer compromisso.

Em hygiene, toda falta se paga e todo crime soffre o seu castigo, tam fatalmente como se exerce a gravitação; e é bem este o caracter de uma doutrina de natureza essencialmente moral que deve escapar a todo desfallecimento da consciencia.

São estes preceitos de saude individual e collectiva — digamos estes preceitos de moral — que vamos apresentar ao leitor.

Como habitualmente fazem os ethicistas nos, nós lhes daremos uma forma breve e autoritaria; mas seguir-se-lhes-ão logo os commentarios, que os explicam, legitimam, e deverão impôr-lhes a pratica, pois, lhes constituem a demonstração scientifica; porque é preciso em primeiro logar convencer, para não ter de constanger mais tarde.

Curto não temos a pretensão de ter esgotado o assumpto, e a lista destes mandamentos ir-se-á sem duvida alguma, alongando. Mas, tues como está, entendemos que elles encerram e resumem os principios essenciaes da hygiene individual e collectiva, e ensinam o que é indispensavel saber e fazer.

Sabemos tambem que as pessoas cultas e experimentadas, pouco terão que aprender nestas curtas notas, que se destinam principalmente á massa dos jovens. Mesmo assim julgamos do nosso dever apresental-as como um ensaio a submeter aos que desejarem levar a sua pratica para o edificio da moral leiga do futuro, e eu sei que o meu excellent amigo João Finot teve a bondade de julgal-as dignas de occupar um logar entre os elementos d' «A Sciencia da Felicidade».

PRIMEIRO MANDAMENTO

Toma cuidado com a tua saude

Não é este um conselho egoista. A saude do individuo não lhe pertence; pertence á sociedade, cuja prosperidade e força proveem da saude de todos

plismente o *apparelho* formal da Republica, não comprehendendo unicamente a existencia do mecanismo que constitue o *systema* republicano, mas envolvida implicita e virtualmente, tambem o seu funcionamento regular, a sua pratica effectiva e a *realidade das garantias* que este *systema* estabelece. Eram essas garantias que haviam desaparecido por completo no Ceará, sob o governo do sr. Franco Rabello.

Bem interessante é que esses que mais condemnaram a intervenção do governo federal, no Ceará, são justamente os que se habituaram a fazer recabar sobre o presidente da Republica toda a culpa dos males occorridos nos Estados, toda a responsabilidade dos erros commettidos pelos governos locais. Mas como poder o governo federal arcar com tão dilatada responsabilidade, que aliás não existe, sem o direito de intervir para fazer cessar aquellos males ou corrigir aquellos erros?

O que é verdade é que não existe essa dilatada responsabilidade a pesar sobre os hombros do presidente da Republica. Pregam-na apenas os que se conservam ainda apegados ao *systema* politico do regimen passado, os que ainda conservam a eterna illusão do centralismo do imperio. E quantos males d'ahi nos têm vindo!

O regimen federativo, adoptado pela Constituição de 91, não comporta essa subordinação constante, essa dependencia immediata ao centro. Em Estados Unidos, porém, que nos constituímos, caracterisamos essa unio pela vigilancia superior do governo central, que em casos especiaes, precisa objectiva a intervenção directa.

Infantil é suppor que esta intervenção só se impõe, verdadeiramente, quando harmonizada com a parte final do § 3.º do art. 6.º do pacto federal.

E, pensando assim, chegava a condemnar o governo federal, porque não interveio quando o sr. Franco Rabello solicitou o concurso do exercito para auxiliar a policia estadual no extermínio feroz dos denodados filhinhos da zona fecunda do Cariry.

O povo e, por consequente, coiza a que se deva ligar pouca importancia. Quer um governo qualquer mais soldados para espingardar o povo, melhorias para dízimal, deve o governo federal fornecer, porque

a isso o *obriga* o § 3.º do art. 6.º. O povo, portanto, não tem direito ao beneficio da intervenção; só tem esse direito os governadores, embora esquecidos de que a sua função primordial é velar pelo bem estar, paz e segurança desse mesmo povo. Perigosa theoria que é essa, mormente depois que se assistiu ao assalto de governos estaduais por *salvadores* inteiramente divorciados da opinião publica.

O que se faz preizo é tão somente maximo criterio no caso de intervenção, quer solicitada de accordo com o § 3.º, quer livremente exercida em harmonia com o § 2.º. Foi justamente este elevado criterio que caracterizou o modo de agir, no caso do Ceará, do ex.n sr. presidente da Republica, não attendida, a principio, a solicitação do sr. Franco Rabello e, depois, directamente interveio em momento opportuno, quando essa intervenção se impunha, imperiosa e inadiavel. E antes de agir por essa forma decisiva, vimos aquando chegou a cautela e o escrupulo do sr. presidente da Republica para, finalmente, intervir no Ceará. Admoestou, advertiu, aconselhou, por mais de uma vez, em telegrammas que a imprensa de todo o paiz divulgou, ao sr. Franco Rabello para que não continuasse no caminho que ia trilhando, salpicado de sangue e coberto de maldições. Embora desattendido, esperou ainda. E foi só depois que o povo, usando de um direito que lhe assiste, levantou-se de armas na mão; que os combates se travaram e se succederam e duas numerosas columnas revolucionarias chegaram até ás portas da capital do Estado; que o poder legislativo se dividiu em duas assembleas e o poder executivo se bipartiu em dois governos, ambos *de facto*; foi só então que, para manter a forma republicana, interveio o governo federal.

Ainda, neste ponto, ha quem julgue que a intervenção deveria ser para manter no governo o presidente *de facto* sr. Franco Rabello. E de fazer rir esta ingenua opinião. Manter a forma republicana não é manter, pela força, um governo que só pela força se pode impor. E bem justamente o contrario. E' concorrer para que não se mantenha um governo *de facto*, que galgou as cumeadas do poder pela força e pelo terror de mãos dadas com o mais indecoroso dos conchavos e que,

depois, pretende impor-se pela prepotencia e oppressão, pelo saque e pelo incendio.

Quero me convencer de que a culpa unica do sr. presidente da Republica consistiu em não ter consultado a esses que lhe censuram o gesto humilde e nobre, quando seria o momento opportuno de intervir e como deveria ser feita essa interyenção.

A intervenção só merece os applausos dos espiritos calmos e desapaixionados, amantes da paz e da ordem, pela forma por que a comprehendeu e está executando, no caso do Ceará, o governo federal. Hoje existe, ali, em vez da anarchia, a ordem, a insegurança pessoal cedeu lugar ás garantias individuais, de que gosam conjunctamente, por igual vencedores e vencidos.

Restabeleceu-se, enfim, a forma republicana e, com ella, a paz e a tranquillidade, a ordem e consequentemente o progresso, na terra formosa de alem-líbiapaba, onde pulsa ardoroso o coração desse povo viril, valente e heroico, que é o povo cearense.

L. C.

Impressões

No serviço telegraphico do *Diario do Piahy*, da ultima semana, encontra-se a noticia de um facto que deve ter impresso grandemente a alta sociedade de Paris. E' o caso de uma senhora de elevada posição na opulenta metropole franceza, esposa dum ministro de estado, ter assassinado a firo de pistola, desfechada a queima-roupa, o director do *Figaro*, importante jornal daquelle capital.

Fóra elle impellido a essa pratica delictuosa pela indignação que lhe causou a campanha difamatoria que o referido jornal vinha sustentando contra o seu esposo, desde á ascensão deste ao ministerio, diffamação que permanencia, e mais se azedava, não obstante as explicações dadas pela *imprensa*, pelo accusado, que por ultimo atirara ao desprezo as offensas que lhe eram irrogadas.

A scena tragica a que me refiro e que extraordinaria sensaçao causou, quer pela morte inesperada d'um jornalista eminente, quer pela prisão em flagrante de uma senhora illustre, determinando ainda o pedido de exoneración d'un membro do ministerio, bem deve ser considerada (digo-o de passagem) como uma

dolorosa consequencia do excesso da liberdade de imprensa, dessa liberdade de que tanto se abusa nos tempos que correm.

Ignoro ainda os detalhes desse crime sensacional, indispensaveis para firmar-se um juizo seguro sobre elle. Conheço-o apenas através daquelle nota telegraphica, e é baseado somente no que leio ali, que, si não justifico o crime de que se trata, pois só difficilmente, em caso extremo, admitto a morte do inimigo, todavia attendo-o o mais possivel.

Madame Caillaux revelou-se o modelo da dedicacão conjugal, matou para desaffrontar-se da grave injuria irrogada a seu marido, e até em sua propria defesa, porquanto talvez se pretendesse considerá-la como cúmplice, senão autora, da subtração d'uma carta que o *Figaro* publicára e que fóra abusivamente destacada da sua correspondencia particular do ministerio francez.

Assim, o repito, encaro o acto praticado pela esposa homicida sob um aspecto menos rigoroso, reconhecendo as poderosas circunstancias que lhe attenuam o crime para collocá-la em situação menos penosa.

A lei franceza, como a nossa, e como a de todos os paizes cultos, deve considerar, entre as attenuantes do crime, a legitima defeza, que é, em toda parte, extensiva á protecção de todos os direitos que podem ser lesados, e não só os da propria pessoa, como os de pessoas da familia e de terceiros. Deve tambem considerar attenuado o delicto quando praticado em desaffronta de uma injuria grave.

Puglia, o moderado e eminente criminalista italiano, no seu *Manual de direito penal*, ensina-nos, a propósito de tão importante circumstancia, que ella deve ser levada em conta, mesmo se tratando da reacção contra offensas ás pessoas que nos são caras, desde que se verifique que uma provocação injusta, que esta produza um dór moral, que essa dór seja intensa, que exista o impeto e que a razão se perturbe nesse estado.

Ora, todos esses requisitos concorreram simultaneamente na pessoa da delinqente, não se podendo considerar que o seu acto fosse premeditado, pelo facto de esperar ella na redacção do referido jornal, por espaço de alguns minutos ou mesmo uma hora, a presenca do inimigo.

Concluindo, affirmo que si eu

fosso juiz nessa caíza, quando não absolvesse Mm. Caillaux, dar-lhe-ia a menor penalidade admissivel no caso, pois, não posso occultar a minha admiracão pela sua coragem, a minha sympathia pelo seu extremo affecto de esposa, pelo carinho inconfundivel e dignificante que ella desenvolveu em torno á reputação do seu marido.

F. C. B.

O CAMINHO DA FELICIDADE

Oh mundos, astros, e ves, constellações
Nenhuma de vós o tem na immensidade.

A vida, o somem Bem, o Verbo, a essencia
Só se revêe aos haucos e á nacão
No cõo incompurtivo da Consciencia!

Athora de Quesada

Para a Joaquim Vaz da Costa.

Felicidade!

Eis um thema vasto como o infinito Um prisma colossal que, a morez das projecções luminosas e das perspectivas, reflecte, delinea imagens nitidas, confusas ophoricas, como as miragens do Grande Deserto.

Ser feliz? Em que consiste a Felicidade?

Os avarentos vos dirão—Ouro! Ouro! Ouro! Os paizes ricos têm gravado no cerebro—Gosos perennes! Bachelanes de beijos! Os vendidos nos embates da Vida, os feridos pelas setas penetrantes do deus do Amor evocarão—Morte!

Outros vos exclamarão—Saprena Arte! Seicencia! Gloria! Gloria! Gloria!

Outros, em summa, mais sonhadores ou egoistas, combinarão essas idéas da Felicidade, formando compostos binarios, ternarios, quaternarios...

Assim, a Felicidade é um symbolo vago, obsoletando aos encheiros varios de cada um, segundo o estado physico e psychico do individuo. E a sua trajetoria—um labyrintho, uma confusão de Chaos.

Ha quem affirma que a Felicidade está na restrição dos desejos, ou antes numa auto suggestão. O homem sente-se feliz: é feliz.

Si me não falha a memoria, Guerra Junqueiro, num jocos conto, asserverá que o homem mais feliz de todo este *mal de lagrimas* era um pobre diabo lá da patria de Dante.

Vivia de pescar mariscos. Tinha por vestimenta folhas de parreira, e por abrigo, por todo o grande teuto, o cõo limpo e azul, muito azel, resmaido espiendidamente de myriadas de estrellas. Dormia embaldado pelo bramir do mar. Aoradava-o aurora matizando a fimbria do horizonte. Tonificava-o

Concluindo, affirmo que si eu

O individuo tem pois o dever de se manter em estado de fornecer a sociedade a parte de actividade e produçãõ que a ella espera.

Validar a propria saude é manter em bom estado o organismo que cada um possui para executar a sua tarefa e pagar a sua divida para com a sociedade.

He' bem entendido, decres de diversas ordens, hierarchicaes, dos quaes uns têm precedencia sobre os outros. Em certas circumstancias excepcionaes, o dever impõe ao individuo o sacrificio da sua saude e mesmo da sua vida para salvacão de todos. Ainda assim e preciso que elle goze boa saude para estar em condições de fazer este sacrificio de modo ethico.

Mas, em tempo normal, conservar a propria saude para o individuo o primeiro dos deveres em relação a elle mesmo e á sociedade.

Não se devem estáo contidos quasi todos os outros. Além de tudo, tem elle em si mesmo a sua recompensa, pois nenhuma felicidade é possivel sem a saude, e em todas as condições, com a saude, possui o homem, a unica felicidade real.

SEGUNDO MANDAMENTO

Sabe que num corpo são o espirito é vigoroso

Num organismo, como numa sociedade, todos os organos são solidarios uns com os outros.

O cerebro, organo do pensamento e da vontade, soffre pois a repercussão de todas as molestias que atacam os outros organos, e mesma de todos os excessos ou faltas que lhes são impostos. Dõnde a

necessidade de submeter o organismo e principalmente o organismo em estado de crescimento a um desenvolvimento harmonico de todas as suas partes.

Se exercitamos de modo exclusivo, ou apenas excessivo, um systema ou um organo, este atrai para si todos os elementos nutritivos e o resto do organismo fica submetido a uma inanición relativa. Rompe-se o equilibrio normal da saude; mas o organo mesmo que se exercita demais, perturba-se, porque a miseria dos outros organos repercute sobre elle e sua riqueza não tarda a ficar comprometida por todas essas miserias que o envenenam de longe, e o constangem ou o paralytam.

E' preciso pois dar a cada systema sua parte: ao pensamento e ao movimento.

Nos adultos, cujos organos estão feitos, esta parte functional pode, sem inconveniente, ser muito desigual, e as especialisações necessarias á vida social não são incompativeis com uma boa saude.

Mas no ser em estado de crescimento, na criança e no adolescente, as relações da actividade physica e da actividade intellectual devem ser definidas.

Os organos, antes de produzirem trabalhos, devem achar-se em estado de funcionar, isto é, devem ter attingido a um certo grau de desenvolvimento e de perfeição.

Si provocarmos a produçãõ antes da organizaçãõ, compromettemos esta ultima.

A educaçãõ da criança deve pois ser um excitante para a organizaçãõ, e não uma produçãõ prematura.

Ora, na creança, o cerebro é um organo que só tarde chega á perfeita organizaçãõ; não é preciso pois exigir d'elle sinão muito tardamente um trabalho de produçãõ.

O que é preciso impôr ao cerebro da criança e do adolescente, são sobretudo habitos e, methodos de trabalhos. E' preciso fazel-o tomar bons habitos e ensinál-o a trabalhar.

Ao contrario, os musculos chegan de pressa á perfeição, e o esqueleto apresenta desde os primeiros annos uma boa resistencia.

Tomando em consideração este desenvolvimento desigual, devemos dosar da maneira seguinte os exercicios da intelligencia e os exercicios physicos nas principaes edades.

	Tempo consagrado	
	aos exercicios intellectuaes	aos exercicios physicos
de 5 a 10 annos	1	4
de 10 a 15	2	3
de 15 a 20	3	2

Este ultimo periodo não concerne evidentemente sinão aos jovens que se destinam á carreira de actividade intellectual, litteraria, scientifica ou artistica.

Mas seria muito aconselhado introduzir, neste periodo o ensino de um officio na educaçãõ desses jovens. Todos os psychologos tem observado que a habilidade da mão exerce uma boa acção sobre a precisão das ideas e a energia da vontade.

Demais, ao mesmo tempo que ella temperaria a actividade intellectual, aperfeicando-a, esta actividade manual completaria a educaçãõ harmonica do joven, ao qual forneceria a facultade de ganhar sua vida em todas as circumstancias; e assim faria d'elle um typpo de homem livre por excellencia.

(Continúa)

a immensa apoteose de luz do astro-rei focuendo a lassa Natureza...

Vida de Adão! Não sei si o nosso homem teria alguma Eva.

Falar no caminho da Felicidade neste mundo nebuloso, onde cada um só pode viver devorando o seu vizinho, segundo o pessimismo de Schopenhauer, parece uma utopia qual a Republica de Platão.

O sabio professor de Iana synthetiza o exacto estado actual da Humanidade:

A variedade, o numero e a intensidade destes males, cresceram durante o seculo XIX, a medida que o progresso das artes e das sciencias augmentava e que se aperfeiçoava a nossa vida moral e social.

O homo sapiens, em face das fulgurantes da Sciencia e do seu deploravel estado, symboliza um rei escravo, um Cresco amaldiçoado a vida, um rio-mendigando o pão quotidiano.

ME A CULPA Não duvido que o mundo no seu eixo Gira suspirado e volta em harmonia; Que o homem suba e vá da noite ao dia, E a homem vai subindo insecto o seixo.

Não chamo a Douslyrrano nem me queixo Nem chamo ao céu da vida noite fria; Não chamo á existencia hora sombria; Acaso, á ordem, nem á lei desleixo.

A Natureza é minha mão ainda. E minha mão... Ah, se eu a face linda Não sei sorrir; se estivo desesperado; Se nada há que me aqueça esta frioz; Se estou cheio de fal e de tristeza; E' de crer que só eu seja o culpado! (2)

Tudo obedece a uma lei: desde o atomo, aos grandes seos das infinitas constellações; desde o mesquinho verme ao Supremo Artifice. O rei da criação, qual um desses asteroides errantes, transpassa a sua orbita ou permanece immoto como um deus petrificado.

Anthero, o Christo Luzitano, espirito cheio de interrogações profundas e saturado de amargura, exclama:

Quanto de grande ha ahí dorme e socega Tudo tam sua lei onde adormece Tudo que pode olhar, os olhos préga N'algum ris d'amor que lhe alvorece...

As leis da Natureza não podem ser violadas impunemente. A luta pela vida torna-se intensa, a num crescendo assustador—porque a Moda, deusa caprichosa, impora sobre toda a Humanidade (ai daquelle que não lhe prestar obediencia) —porque os mais sagrados principios de conservação e defesa do organismo são ignorados ou desprezados. Conheceis a genese e o dilatado império da Morte? Ouçamol-a, em synthese, pela bocca de Leopardi:

'Sou filha da Caducidade e tua irmã, Morte. Pelo amor que a Humanidade me consagra são usados calçados menores que os seus pés, espartilhos que lhes impede a circulação e tantas outras extravagancias. Ainda por amor de mim, os vestuarios mais absurdos são adoptados. Os pobres mortaes praticam milhares de loucuras em meu nome, pouco se importando com as funestas consequencias.

Antigamente os homens todiavam e ultrajavam (a Morte). Hoje, graças a minha acção, os que ainda não foram ceifados por ti, já te pertencem desde o nascimento. Es estimada e louvada pelos mais intelligentes que voem em ti o verdadeiro Bem.' (4)

A Moda essim fala á Morte, que a reconhece como legitima irmã de nascimento e poder—sem ser necessario attestado do padre da parochia.

A ignorancia completa dos mais rudimentares principios de anatomia, de physiologia e hygiene concorre poderosamente para o cortejo assombroso de molestias que a Medicina, dia a dia, vae registrando. Um illustre medico assim se externa: 'Essa ignorancia de si mesmo, physica, anatomica é tão deploravel quanto ridicula. Saber, por exemplo, que veneno Nero propinou a seu irmão Britannico... e ignorar porque, numa bella manhã, sentiu uma pontada do lado! Conhecer as instruções que Albuquerque recebeu do rei de Castella quando partiu para as Indias... e ignorar de que lado tem o fígado! Saber que Leibnitz encontrou a theoria do movimento ao passar em companhia de um amigo... e não ter sciencia dos primeiros symptomatos do erup que pode accommetter os filhos e não dá tempo, ás vezes, para chamar o medico.'

O homem é um atomo da um todo infinitamente harmonioso. Um atomo que é um sol e que ha de ser um deus.

Estudades intimamente o vosso ser, e conheceis o Universo! Socrates, o sabio dos sabios da gloriosa Grecia, já exclamava: conhece-te a ti mesmo.

A Sciencia, que será a religião do Futuro, vae evidenciando as grandes verdades que os sabios, os apóstolos do Bem, vão desvendando.

J. Gompertz esboça o caminho tão almejado da Felicidade: Vós o sol a brilhar no firmamento? E as estrellas mover-se em torno della? Vós esta que reluz ha milhares d'annos? Acaso pode haver, em torno, a terra? Tu podes accender a luz do sol Mas apagal a? Não! Tu não o podes! Como ella vence a escuridão nocturna, D'esse modo a Verdade vencerá! Oh não creias em phrasas, phantasias, Que não achas ahí felicidade! Só has de schal-a nesse triho, onde Os Nobres se consagram a Verdade.

Vêdes que o caminho da Felicidade é a Luz. Luz esplendorosa qual a que nos fala o illuminado Guerra Junqueiro:

A luz, em cuja gloria idealizante, O brazileiro dos astros rutilante E' cinza escura e sepulcral, E a apoteose immensa da alvorada Uma lugubre e lenta fumarada, Sonho torvo da duvida e do mal... (5)

Vós, sonhadores, que sonhaes com virgens impossiveis, estudae o Amor á Luz da Physiologia e Psychologia, e as vossas imagens mudarão de prisma! Vós, crapulosos, mensageiros da Serpe da velha Biblia, vós eternos forjadores de demonios, não gozais! Vendidos... do Amor! Sozinhos de que lado tendes o fígado? Ah! o vosso fígado segrega em excesso! Vós, avarentos, que viveis encastellados no vosso ouro, soffreis alguma lesão do cerebro! Sois os pobres. Passaes pela vida e não viveis!

Suprema Arte! Sciencia! Gloria! Gloria! Gloria!

(4) Ensaio. 5 Oração á Luz.

Apostolos do Ideal, da Verdade, vos espera o banho lustral da Dór que tambem é Luz, o calice dos Socrates, dos Christos, dos Colombos... que vós o transubstanciareis em nectar dos antigos deuses!

Já vos falei do caminho da Felicidade. Quem é a Felicidade? A Felicidade é a Vida. Sim! Tudo é movimento, vibração e Luz.

O repouso não existe. Eis a Vida, segundo o Profeta do Ideal Supremo:

VIDA Oh! a vida é um abysmo! mas fundo! Mas immenso! tem luz e luz que cogue. Inda a agulha do Palmiro e tem sonhos. E tem nozes, como o antigo Chaos: Tem harmonias, que parecera sozinhos De algum anno dormindo, e tem horrores Que os nem sonha o delirio!

Inundação de creanças... e diluvio De doidas fadas! hymno de glorias... E rugido feroz! se és fera toma

A parte dos rugidos e, se és homem, Ergue ao céu tua face, e entoa os hymnos Saha valor no teu peito, corta as aguas! Nadando, desce mar de infinitas doidas Ergue-te, lucia, arqueja, precipita-te Deixa as ondas lavar-te o corpo, ou dar-te A pancada de morte—mas só homem! Só grande sempre! o, ou Satan ou Anjo! Bismepni ou exulta... mas não desças nunca!

Porque descer é morte, é sombra é nada! E' a patria que dáme, e' todo escuro, Que sombrio fermento! Aalma, se é espirito, E' porque á falta possa encher, crescendo O espaço todo e tonto o ar infundo! E, bella ou triste, horrenda ou sublime, Santa ou maldicia, a vida é sempre grandet!

Eis aqui a essencia da Vida: Consciencia em si e de si.

Este será o HOMEM-DEUS o homem que sabe gozar e sofrer, odiar e perdoar. E' o super homem do mysterioso philosopho super altivo Nietzsche, lá da brumosa Allemanha purificado, pela verdadeira luz.

Therez na —Março—1914. José Amavel.

Telegrammas

Serviço especial do DIARIO DO PIAUHY

INTERIOR

FORTALEZA, 21. O candidato do P. R. C. a presidencia do Estado é o coronel Benjamin Liberato Barroso.

O coronel Benjamin Barroso, que foi muito recentemente promovido a este posto e o actual chefe da 3.ª secção da divisão de engenharia do ministerio da guerra, pertence ao quadro especial, tendo professado a cadeira de mathematica abstrata da escola militar.

Já foi presidente do Ceará no tempo do governo Floriano e em virtude da despatch, pelas armas do então presidente o general José Clarindo de Queiroz, sogro do sr. Franco Rabêlo. E' uma interessante repetição historica.

Novo candidato tem 55 annos de idade e é casado com uma distincta e honrada filha do saudoso piauhense dr. Joaquim Cruz.

FORTALEZA, 21. Foram apprehendidos hontem, 300 rifles e 4 caixas com dynamite em poder dos rebelistas.

—Foram nomeados, hontem, diversos intendentes e delegados de policia do interior, todos adeptos do P. R. C.

DIAPHRAGMATICA CURA HEMOSANO SYPHILIS SABOR AGRADAVEL Não ataca o estomago

Princeza

São teus olhos, Princeza, duas ballas Feitas da luz das fulvas nebulosas; Traspassam corações e, ao abrir alas, São dois punhaes de laminas formosas.

São dois luaes, vivido de opalas, Illuminando as almas venturosas; E' teu riso um florête... e, quando falas, Sinto em tua bocca o cheiro de outras rosas...

Princeza do Prazer e da Opulenciz, Sigamos pela estrada da existencia, Fizando sobre lothuis, sobre lyrios...

Quero dormir á sombra de tuas tranças... Filha de Tokio—nas ortivas lanças Dos teus seios, florescem meus martyrios!

Baurélio Mangabeira.

RUY BARBOZA, JULGADO POR UM MONARCHISTA

I O FILETE DE SANGUE

Em um de seus ultimos discursos, naquelle que S. Ex. houvera pronunciado em Bello Horizonte se lá tivera estado a pleitear sua candidatura á presidencia da Republica, o sr. Ruy Barbosa faz ao regimen a mais grave das accusações. Ao demonio attribuem os Livros Santos duas notas distinctivas: luxuria e o homicidio. A Republica, no sentir do sr. Conselheiro, teria esta ultima. Desde que ella se erigiu, um filete de sangue teria entrado a correr, aqui e alli se estagnando, e formando poças escarlates no meio dos escombros do regimen. Imagem que dolorosamente deve impressionar a todos os que, inclusivamente o dito Conselheiro, contribuíram para a mudança das instituições!

sobresaltou a opinião. Era a pena de morte, e resulante de uma sentença occulta: era a vinda particular, predominando sobre as regras da justiça publica; era, mais que tudo, a perniciosa manifestação de uma tendencia á ferocidade, tanto mais para estranhar quanto se sustentava no occiso de um reinado que incontavelmente havia sido o da mais longanima clemencia.

Vale, entretanto, a pena inquirir-se, como prodromo dessa propensão ao homicidio, alguma cousa já não se teria dado nos ultimos tempos da monarchia; e bem assim certo interesse historico haverá na indagação dos primeiros factos que sob a nascente republica a marcaram com o estigma do assassinio.

Nunca, de memoria de homem, tinha havido quem mais e melhormente soubesse perdoar que Pedro II:—e como então era que assim, longe de fer ferido escola, subitamente lhe irrompia essa revivencia da fereza de outros tempos?

Para isto seria preciso um livro: contentem-se, porém, os curiosos com estas minha duas columnas.

Mas em defesa das autoridades que não souberam ou não puderam prevenir o crime, estava um advogado, moço ainda, mas já distincto pelos seus dotes oratórios e de escriptor. O que, para innocentar desidias ou cumplicidades, longamente elle compoz nessa emergencia sob o pseudonymo de Swift, constituiu um farto folheto, em que: as ironias do polenista e os alindamentos litterarios por vezes disfarçavam o horror da situação.

Sob o regimen monarchico, no Segundo Imperio, o respeito da vida humana tinha chegado áquelle extremo da abolição da pena de morte, não por lei, mas pela inflexivel repugnancia do Imperador a firmar sentenças capitales, systematicamente commutadas na de galés. O obtido de um desgraçado (Castro Malta) que disseram succumbido ás brutalidades da policia, bastava para alarmar o espirito publico, determinar, pelos jornaes uma verdadeira campanha pró e contra as autoridades, e justificava a mudança de altos functionarios.

E Swift, o elegante pamphletista que borboleteou sobre o attentado de Apulchro de Castro, era o sr. conselheiro Ruy Barboza.

Houve, contudo, um tristissimo successo que com razão, encheu de apprehensões os que já entulho lobrigavam, nas trevas do futuro, uma era de temerosas violencias. Quero fallar do caso Apulchro de Castro.

«E' falso que isenta de sangue se tivesse no Brasil inaugurado a Republica. Sangue correu e, por ser pouco, apenas tenue filete, nem por isso deixava de ser humano e generoso.»

Era este um miseravel que vivia de calumniar. Foi o verdadeiro precursor da imprensa amarela, que actualmente, nas suas investidas, não respeita sequer o lar dos inimigos. Esse infeliz foi publicamente cercado e morto na rua do Lavradio depois de se ter asyldado na repartição da policia, donde sahiu em companhia de um defensor que não defendeu.

Nas capital do Maranhão, por exemplo, ao se divulgarem as primeiras noticias da proclamação do novo regimen, o povo alvorotou-se e quiz atacar a casa do jornal republicano. A multidão que assim se pronunciava contra os revolucionarios, caminhava precedida pela bandeira nacional, a antiga a que victoriosa se tinha desfraldado em Monte Caseros, em Riachuelo, em Tuyuty e Humayty. Demos aqui a palavra ao sr. Astolfo Marques, talentoso republicano membro da Academia Maranhense:

«Como por encanto (narranos elle) trepou ao mais alto dos degrãos do pelourinho, secularmente erguido no largo, um crioulo bem corpulento e invejavelmente robusto, charuto de canto da bocca, deixando desparhar-se no semblante o que de entusiastico lhe ia na alma. Com a mão direita o rapaz brandia a sua bengala canela de vado, e na outra empunhava, alado a uma vara tortuosa, o auri-verde pavilhão, com a corôa da monarchia derrocada.»

Como fica dito, e era natural o espantoso acontecimento, destoando das normas de tranquillidade e socego assegurados pelo regimen monarchico, vivamente

1 Odes Moderadas

Palmas rebavam em fita-zi por toda a praça, sa-ndo a porta-bandeira do exército que ali se improvisava...

Pobre exercito popular, sem armas e sem o frotino da m-tanca! Estava fadado a promp-ta desillusao... Como acabou a manifestao popular? Pelo fu-zilamento dos manifestantes...

Falle ainda o citado homem de letras maranhense:

«Ao estrondar dos tiros a vo-zeria applica, para surtir as im-precacoes sob novas e mais d-cidadas aremetidas. Outra desgraca, agora certa, a mul-tidao apunante. Os soldados fa-lhavam a previsao dos intrei-dos irmaos atacantes pois a dis-ciplina mandava obedecer in-continente, disparando as espin-gardas para rachassar o povo cujo grosso recuava ja em de-ban-dada infrene.

«Tres ou quatro dos assaltan-tes, inclusive o circulo porta-bandeira, cahem instantanea-mente mortos. Dezenas de fer-i-dos, uns graves, rolando ao es-tertor da agonía, nas negras pe-dras do calçamento da ladeira aos gritos lancinantes, outros levemente, praguejando, cla-mavam por socorro, que não lhes chegavam.

«Estava feita (conclue o sr. Astolfo Marques) a implantação do reinem republicano, sob o bap-tismo lustral do sangue do povo.

(A Nova Aurora, Maranhão, 1913 pag. 50 e seq.)

Bem mais quem era então go-verno? Campava no Rio uma junta cujos decretos se diziam expedidos pelas forças armadas, em nome da Nação, — a mal explicita e arrogante fórmula do militarismo omnipotente.

Dessa junta fazia parte o ci-vilista Conselheiro Ruy Barbo-sa, e, sob seu governo, o tubro filete principiava a correr.

Quando se fez a Republica, de-que o sr. Conselheiro Ruy Bar-bosa foi um dos artifices, sola-pando, no reinem monarchico, o principio da autoridade vilipen-dando seus companheiros de partido e fundando o sua peque-na escola, curso propedeutico da dictadura militar, uma folha con-tinua, inintermitente, a propug-nar a causa vencida era a Tri-buna Liberal, organ do partido de que sahiria o gabinete de 7 de Junho.

Essa folha cecou a sua pu-blicação em 25 de Dezembro de 1890 na publicação do de-creto de 23 do mesmo mez e anno, o qual aos jornalistas in-discretos e infortunados commu-nica as penas excogitadas pelo f-undo de Lippe para punição da indisciplina de soldados. (De-creto intransmississimo e de cujo civilismo e correspondente o Sr. Conselheiro Ruy Barbosa.) Mas pouco depois de 1890, com o titulo simplificado reaparecia a Tribuna, sob a direcção do sr. Antonio Medeiros.

Sabe-se como acabou este jor-nal. Atacaram-no, á noite, em-pastelaram-no, destruíram-lhe livros, estantes, estragaram-lhe o encanamento do gaz. Os ope-riarios foram rijamente espanca-dos. Um general italiano, que ac-caso se achava na redacção, recebeu golpes que quasi o mataram deixando-o todo en-sau mentado. Romaria, indito-so compositor da folha foi brutal-mente esbordado e com tal selvageria que não logrou es-capear com vida. O redactor Medeiros, miraculosamente, con-seguiu sahir illeso, por se ter occultado em logar onde não o descobriam.

O officio da «Tribuna» de-parava o mais lastimavel espe-

culo. Tu-lo espedaçado. Ves-tigios não da falta, porque nin-guém resistira, mais do vauda-lismo dos assaltantes. Por tod-a parte sobre os moveis, no pa-péis, no assoalho, largas pla-cas de sangue coagulado...

Deante de taes enormidades profundamente se abalou a con-sciençia nacional. A notorieda-de do crime, a inutil previsao das victimas que em vão tin-ham invocado a protecção legal, a directa interferencia que no caso se imputava ao chefe do Estado — tudo contribuia para consternar a opinião pu-blica.

Os membros do governo pro-visorio sentiram o peso que sobre os hombros lhes recahia, e deliberaram dar testemunho de não terem collaborado na-quelle sangrento episodio.

Com tal intuito dirigiram ao generalissimo uma carta colle-ctiva:

«Exmo. sr. Marechal Deodoro da Fonseca, Chefe do Governo Provisorio.—Do Lamentavel su-cesso occorrido hontem á noite com relação á Tribuna resul-ta evidentemente para os mem-bros do Governo Provisorio uma penosa responsabilidade. Desde que se deu o attentado, a opinião publica tem o direito de condemnar-nos, inquirindo de nós qual uso fazemos da autori-dade de que nos achamos in-vestidos. Em tão critica emer-gencia, consultando o que deve-mos á nossa consciencia e á nossa patria, e o que devemos á vossa propria pessoa como chefe do «Governo Provisorio, julgamos cumprir um dever im-perioso resignando os cargos que exercemos... (Assinados) Floriano Peixoto.—M. Ferraz de Campos Salles.—F. Glycerio.—E. Wandenkolk.—José Cesario de Faria Alvim.—Quintino Bo-cayuva».

Falta a firma do sr. conse-lheiro Ruy Barbosa. Uma nota (pag. 58) do Livro de Campos Salles, Do Propaganda á Repu-blica, explica essa lacuna: «O sr. Ruy Barbosa achava-se ausente, na Tijuca. Consul-tado pelo telephono, declarou que acompanhava seus collegas, comoqnto lhe parecesse extrema-mente a solução».

Não valia a pena...

Foi assim que se tornou o filete de sangue.

Carlos de Laet.

AS ESCOLAS AO AR LIVRE

Tudo faz prevér que a nova m-udança radical se operará pro-ximamente nos methodos e no-vo tipo da instrucção nacional ingleza, cujos results los, espe-cialmente quanto ás escolas pri-marias, hiammente eretas nos contornos e detractores.

O ponto essencial da questao, nota o sr. Montmorency na «Con-temporary Review», facilmente se formula: as crianças actual-mente palvras e não os factos. A natureza, que a vida intensa das grandes cidades inexoravol-mente lhes exclue, é afastada das escolas, os alumnos não se acham em immediato contacto com a vasta e rica natureza, o que corresponde a dizer que as-rião sempre espiritos dotados de uma cultura sem uma base so-lida e real.

Numa escola, triste e pobre, o menino que cresceu no ambi-ente da cidade, só adquire no-ções avilidas, theorias inuteis.

A primeira condição de uma casa em que se pratica o ensi-ño, é a alegria do meio em que o estudante tem de viver.

Deu-lha por um educador a filha da escola no ar livre, ella se tem diffin lido na Ingl-terra.

Nas escolas elementares do Estado, instituem-se grandes lu-gares de recreio e adoptam-se medidas do orden hygienico,

que não eram devidamente ob-servadas.

Certas praxias chamaram at-tenção do governo para as con-dições das crianças fracas, pro-nas a adquirir molestias e tra-vras e contagiosas. E commea-ram a ser abertos estabelec-mentos de instrucção espaçosa e claros; no mesmo tempo, foi feita a experiencia das escolas no ar livre.

Se na Inglaterra existe, nes-sas condições, a escola da «Osea Island», na Alemanha, ha duas já muito conhecidas, em Charlot-tenburgo e em Gladbach, como ha uma em que já tem propor-cionado bons resultados, Zurich (Suíça) e outra perto de Am-sterdam, na Hollanda.

O fim da instrucção ao ar livre não se limita a collocar o alumno em directo contacto com os phenomenos da natureza; o seu valor se revela, sobretudo, na facilidade de transformar as áridas realidades dos livros e das lições em imagens vivas, a-través dos passeios e das ex-cursões.

Os alumnos se tornam mais alegres, no passo que se fortale-cem em exercicios sãos, que es-sas escolas, mais do que as ou-tras, podem proporcionar. E, diante das vantagens já paten-tes desse systema de ensino, con-tinuam, na Inglaterra, onde as questões referentes á educação physica ou intellectual sempre mereceram a attenção dos go-vernos, a augmentar as «forest schools», as escolas ao ar livre, de que dá o exemplo mais digno lo «Osea Island School».

Varias Noticias

Notas policiaes. Patrulha. Patrulharia a cidade a o mer-cado publico hoje (domingo) o subdelegado de policia do 1.º districto, sr. Joaquim Guedes de Vasconcellos.

Anual (2.ª feira) identico serviço será dirigido pelo subdelegado do 5.º districto, sr. Laurindo José Velloso.

Prisões correccionaes. — Foram hontem presos correccionales-mente os individuos Miguel Fer-reira Castello, por ordem do le secretario de estado de policia, e Francellino Gonçalves de Lima, por ordem do delega-do auxiliar, coronel Laurindo Campello, ambos por gatu-agem.

Inquerito. — Foi mandado re-metter ao promotor publico da comarca, por intermedio do juiz competente, o inquerito pro-cedido sobre o estelionato commettido pelo portuguez Guilherme Pinto Moreira.

Noctívago. — Informa a auto-hontem esta secretaria de que, pelas 3 horas da madrugada do mesmo dia, um individuo, que infelizmente não foi reconheci-do, vagando pelas ruas desta capital, depois de bater á porta de diversas casas de familia, conseguiu forçar a casa de re-sidência da familia Sarmento, á rua Grande, penetrando até á sala de jantar e cauzando a sessão á referida familia, que se viu na dura contingencia de sair para a rua, procurando so-corro em diferentes pontos. Esta secretaria mandou intimar o sr. Vicente Paulino, proprie-tario do hotel vizinho á dita fa-milia, afim de prestar informa-ções que possam esclarecer a policia nas diligencias que está procedendo para a desco-berça de tão audacioso indivi-duo.

Compra declarar que as guar-das noturnas de todas as re-partições têm ordens terminan-tes para prestar socorro a quem lho for pedir, pois, além de ser disposição do regula-mento respectivo, foram agora reforçadas aquellas ordens.

Homicidio. A 19 do corrente occorreu no lugar «Matum» deste municipio, o assassinato do individuo Gerinaldo Pereira dos Santos, do qual foram au-tores os individuos Arehangil José dos Reis e Francisco Bi-pi dos Santos, presos e fir-gurados pelo subdelegado d

que não eram devidamente ob-servadas. Manuel Fran-cisco Braga. Os assassinos já foram recolhidos á cadeia des-ta capital.

Dr. Duarte Pimentel.—A-cha-se nesta capital em excur-são scientifica o illustre e pro-vecto occultista dr. Duarte Pi-mentel, que vem precedido de uma grande nomeada. S. s. que é um humanitario clinico, fazendo de sua profissão mais um sacerdocio do que um com-mercio, pretende se demorar al-guns dias nesta capital, onde os seus serviços alliviarão mui-tas dores, por certo. Gratos pela amavel visita.

Telegrapho Nacional. — Na estação telegraphica desta capital estão retidos os seguin-tes despachos: Para José de Castro, Laurindo Campello, Abide Salin. —As linhas estão trafegando bem, para o Sul e Norte do Paiz.

Delegacia fiscal.—Em so-lução á consulta da Inspetoria da Alfandega do Parnahyba, o sr. delegado fiscal resolveu que á vista da doutrina das ordens da extincta directoria do expen-diente numero 38, de 7 de a-bril de 1908, e 86, de 25 de ou-tubro de 1909, poderá ser sel-ladas estampilhas para sel-lagem dos productos da fabri-ca dos srs. Rodrigues Lima & Companhia, apesar de lhes ter sido negada a expedição da patente de registro.

—O movimento de hontem, na caixa Economica annexa á de-legacia fiscal, foi o seguinte: Emolumentos de cadernetas e fracções de juros 208 réis, re-tiradas de depositos, 1220\$108. —No contencioso da delega-cia fiscal, foi hontem, lavrado o termo do accordo celebrado entre a mesma delegacia e os srs. Oliveira, Paaroo & Com-panhia, proprietarios da Empreza Fluvial Piauhyense, no rio Parnahyba, para arreeção do imposto de transporte a re-numeração de 4.ª.

Uma innovação Judiciaria.

—E o titulo de mais um im-portante trabalho do nosso illustre e talentoso collaborador, dr. Luiz de Moraes Correia, edi-tado em folheto nas officinas da imprensa Official. Trata-se d'uma judicious critica ao pa-recer do illustrado dr. proce-pador geral e do acordam do Tribunal de Justiça do Esta-do, de 14 de agosto de 1913, que firmou a doutrina sus-tentada no dito parecer.

Ao presado intellectual pia-uhyense, damos aqui os agra-decimentos pelo exemplar que, gentilmente nos offerou.

Uma carroça, dirigida por um empregado do commer-ciante Vicente Salles, foi de en-contro a um poste da illumina-ção, na rua Arsolino de A-breu, quebrando o globo. Hon-tem, a Directoria de Obras Publicas, multou em 10\$000 o carroceiro e mandou intimal-o da pena, que será paga amanhã.

Está assentado que o governo do estado offerecerá um baile em Palacio, ao exm. sr. sena-dor Urbano Santos, na sua pro-xima visita a esta capital. O Partido Republicano Piauhyen-se offerecerá um banquete poli-tico a s. exo. Se houver tem-po, é provavel que o Intenden-te Municipal dê uma recepção, em sua honra, no paleote da praça Deodoro.

E' sabido com que antecedi-mento a Rainha Guilher-mina da Hollanda vela pela e-ducção da sua herdeira, a Princeza Juliana. A princeza completará em breve cinco annos de idade e se chegado o tempo de lhe dar um preceptor. Tendo pensado em entregar esse cargo de confia-ção ao sr. J. Lighthart, pedagogo de alta reputação, quiz antes formar idéa propria dos seus methodos de ensino. Para, isso dirigio-se incognita á escola

municipal dirigida pelo sr. Lig-htart e durante mais de uma hora, sentada no ultimo banco da sala das menas, ouviu, com a maior attenção, as perguntas mestre e as ingnuas respostas das crianças. E depois de ter assistido a uma lição de calculo e a outra, de historia, a Rainha Guilher-mina deixou a escola, sem que as crianças houvessem reconhe-cido naquella visitante a popu-lar soberana que ellas sempre proclamavam nas ruas de Haya.

CORPO MILITAR DE POLICIA.— Serviço para o dia 22 (Domingo) R-ndará a guarnição o sr. capitão Cezar Oliveira. Estado-maior o sr. 2.º tenente Jo-quin Filho. Dia ao corpo 2.º sargento Leal. Guarda de palacio 2.º sargento Abilio, cabo Luiz Santos, cooca Francisco Ferro. Guarda da cadeia, 2.º sargento Raymundo Santos, cabo Romão Santos, cooca Martiniano. Guarda da delegacia, cabo João Domingues. Praxia, cabo Pedro Alves. Guarda do quartel, cabo Manoel Marques. Pistilha, cabo José Jeronymo. Piquete, cooca Adolpho. Uniforme 2.º.

EDITAES

O bacharel Abdias Neves, juiz substituto Federal e presiden-te da junta apuradora da eleições federaes.

Faz saber aos que o presente edital virem e aos que interessar possa que, por officio desta data, convocou os presidentes dos concelhos municipaes do Estado para comporem a junta apuradora das eleições federaes afim de tomar conhecimento da eleição de 1.º de março para presidente e vice presidente da Republica. Faz saber, outrossim, que convocou o sr. dr. procurador da Republica para accom-panhar, como fiscal, os trabalhos da apuração e mais, que a junta se reunirá no Paço do concelho municipal, ás 11 horas da manhã, do dia 31 do corrente e, diariamente, á mesma e no mesmo logar, até que se ultimem os trabalhos.

Dado e passado nesta cidade de Theresina, aos 21 dias do mez de março de 1914. Eu, Atonar de Castro Rabello, secre-tario da junta, o escrevi.

Abdias Neves.

Fallencia de José Maria Gonçalves

AVISO AOS CREDITORES Scientificos aos credores da fallencia de José Maria Gonçal-ves que as relações com os do-cumentos apresentados pelo syndico, se acham em meu car-terio durante cinco dias a dis-posição dos interessados que quizerem examinar apresenta-ndo suas impugnações, na forma dos §§ 5.º e 6.º do art. 83 da lei n. 2024 de 17 de dezembro de 1908.

Anarante 19 de dezembro de 1914.

O escrivão do eivel, Fernando Ferreira Guimarães.

DR. DUARTE PIMENTEL Medico e operador

Especialista nos tratamentos e operações de olhos, ouvidos, nariz, garganta e vias urinaes.

Com mais de 28 annos de ví-da clinica, no Brazil e na Eu-ropa, dispõe de instrumentos e aparelhos os mais aperfeiçoados concernentes aos tratamen-tos das mo lestias de sua espe-cialidade, dando assim a maior effiçancia e garantia ás suas curas.

Demonstrou-se em Theresina cerca de dois mezes, onde se acha a serviço de sua profissão, e offerce os mesmos ás pessoas que o queiram consultar ou fazer qualquer tratamento.

Atende á chamados por es-cripto em sua residencia na rua Paryandi n.º 44, onde tambem dá consultas das 9 ás 10 horas da manhã e 1 ás 3 da tarde. Th. 22 de Março de 1914.